

Informe de pesquisa

O que decolonizar significa
na prática para acabar com
a violência contra mulheres
e meninas (VCMM)

Michelle Lokot, Beatriz Kalichman, Marjorie Pichon, Ana Maria Buller, Nambusi Kyegombe

Veja [aqui](#) o artigo completo em inglês.

LONDON
SCHOOL of
HYGIENE
& TROPICAL
MEDICINE



Resumo

Este informe resume os resultados do estudo qualitativo: "Explorando entendimentos e abordagens para a decolonização no campo do combate à violência contra mulheres e meninas: em direção à clareza conceitual e estratégias práticas para financiamento, programas e pesquisa."

Há um consenso crescente sobre a necessidade de decolonizar os esforços para combater a violência contra mulheres e meninas (VCMM), porém o conceito de decolonização é frequentemente mal compreendido. Este estudo explorou como financiadores, profissionais e pesquisadores dentro do campo do combate à VCMM entendem o colonialismo e a decolonização, e identificou estratégias práticas para decolonizar o financiamento, os programas e a pesquisa.

Descobrimos que, embora as práticas de pesquisa tenham melhorado nesse sentido, os programas e estruturas de financiamento da área do combate à VCMM continuam fortemente moldados pelas formas coloniais de pensar e agir. O estudo identifica as principais barreiras para a mudança e oferece um roteiro para ações práticas, que progridam de compromissos teóricos para transformações significativas e concretas.

Introdução

A violência afeta cerca de 1 em cada 3 mulheres e meninas no mundo todo. Ao longo das últimas décadas, uma ampla gama de atores tem trabalhado para prevenir e responder à VCMM, incluindo agências das Nações Unidas, ONGs nacionais e internacionais, organizações comunitárias, profissionais de diversos serviços, pesquisadores, movimentos sociais, movimentos de mulheres e financiadores.

Existe também um aumento da crítica às hierarquias de poder que moldam a forma como as decisões são tomadas por atores no campo humanitário, do desenvolvimento e da saúde global, incluindo às hierarquias de poder colonial, que continuam a moldar estruturas e práticas institucionais até hoje. As formas coloniais de pensar e agir frequentemente se manifestam por meio de intervenções pensadas de forma vertical, de suposições de que a expertise vem principalmente do Norte Global e do posicionamento de normas e valores ocidentais como padrões universais pelos quais outros contextos são avaliados.

Dentro do campo do combate à VCMM, há o reconhecimento de que as dinâmicas coloniais

influenciam muitas práticas de pesquisa, incluindo o que conta como evidência, como a vida das comunidades é representada, quem toma decisões sobre as pesquisas, como o financiamento é alocado e quem tem o poder de alocar esses recursos. Essas dinâmicas também podem moldar programas de prevenção e resposta à VCMM, por exemplo, não reconhecendo o papel dos legados coloniais na formação do patriarcado, não valorizando o conhecimento local e reforçando representações racistas ou estereotipadas da vida das pessoas.

A ideia de decolonização pode ser descrita como o conjunto de esforços para reduzir o impacto prejudicial das formas coloniais de pensar e agir e para confrontar as estruturas deixadas pelo colonialismo. No entanto, não há consenso sobre o que isso significa em termos práticos. Realizamos este estudo para explorar quais são os entendimentos dentro do campo do combate à VCMM sobre a decolonização e sobre as formas coloniais de pensar e agir, assim como para identificar estratégias para decolonizar o financiamento, os programas e a pesquisa na área.

Métodos de pesquisa

Este estudo qualitativo internacional envolveu 83 profissionais de serviços, pesquisadores e financiadores na África Subsaariana (AS); no Oriente Médio e Norte da África (OMNA); na Ásia; na América Latina e no Caribe (ALC) e em países de alta renda (PAR) da Europa, além da Austrália e dos EUA. A coleta de dados incluiu:

- 17 entrevistas semiestruturadas
- 8 discussões em grupos focais (GF)
- 5 Oficinas de Feedback Participativo

As atividades foram realizadas principalmente online via Zoom e apoiadas por Jamboards em inglês, francês, português e espanhol. Nosso estudo enfrentou algumas limitações, como dificuldades para

garantir a participação de profissionais com menos disponibilidade e daqueles que falassem idiomas além dos falados pelos membros da nossa equipe.

Foi feita uma análise temática dos dados e durante todo o processo de pesquisa a equipe refletiu criticamente sobre poder e posicionalidade, especificamente sobre como nossas identidades pessoais e experiências anteriores moldaram a forma como pensamos sobre VCMM. Por meio desse processo, tentamos identificar e desafiar nossos próprios vieses para que não impactassem a pesquisa.

A aprovação ética para o estudo foi concedida pela London School of Hygiene & Tropical Medicine (LSHTM) (29 de setembro de 2022, ref: 28070).

Achados

1

Definições e entendimentos sobre colonialismo e decolonização

Ao descrever o colonialismo, os participantes usaram palavras como exploração, extração e desumanização. Eles mencionaram como há uma falta de compreensão compartilhada sobre o que é o colonialismo e que há necessidade de reconhecer que não são apenas os atores do Norte que adotam modos coloniais de pensar e agir.

A maioria dos participantes já havia se deparado com o conceito de decolonização, porém muitos tiveram dificuldade em defini-lo. Alguns consideravam que a decolonização era semelhante a outros conceitos como equidade e colaboração, enquanto outros a viam como exigindo atenção explícita às formas coloniais de pensar e agir. Alguns percebiam a decolonização como uma ideia acadêmica, enquanto outros apontavam para suas origens ativistas no Sul Global. De modo geral, os participantes concordaram que a decolonização exige mudanças estruturais, pessoais e políticas. Embora houvesse algum debate sobre quem seria responsável pela decolonização, a maioria via isso como uma responsabilidade coletiva.

2

Colonialismo e decolonização no campo do combate à VCMM

Os participantes identificaram muitos exemplos de formas coloniais de pensar e agir nos programas relacionados ao combate à VCMM. Isso incluiu definições de VCMM que eram *"universalizada[s]*,

padronizada[s]", ao invés de específicas para os diferentes contextos (Multi-região, mulher, GF 8, participante 8). A cultura, as normas e as ideias ocidentais sobre independência e opressão foram descritas como moldando os programas de combate à VCMM de todos os locais, com a implicação de que *"tudo que é cultural é ruim... toda norma é negativa e precisa ser desafiada"* (AS, mulher, GF 2, participante 1). Ideias ocidentais de empoderamento e bem-estar também foram criticadas, junto com o grande valor dado à mensuração quantitativa do impacto dos programas.

Os participantes descreveram como as decisões sobre o financiamento na área do combate à VCMM são frequentemente tomadas por pessoas de fora do contexto no qual se está trabalhando:

“

[Os] tomadores de decisão, essas pessoas geralmente são quase sempre homens brancos, que sentam nos escritórios de Washington DC, escritórios de Nova York, sabe, no Norte Global, sem ter absolutamente nenhuma ideia do que está acontecendo no contexto local.

(PAR, mulher, entrevista 3)

Eles criticaram regras rígidas de prestação de contas nos financiamentos, requisitos administrativos que organizações menores têm dificuldade em cumprir, suposições sobre quem tem expertise e quem não tem, e processos de tomada de decisão verticalizados: *"Não foi uma parceria [real], foi apenas uma coleta dos dados locais"* (Multi-região, mulher, GF 8, participante 8). Os participantes, especialmente do Sul Global, também descreveram práticas de autoria injustas e exclusão das decisões de pesquisa, incluindo as relacionadas ao desenho do estudo, à análise e à divulgação dos resultados.

Estratégias para a decolonização do campo

Muitas estratégias para decolonizar foram mencionadas. No financiamento, nos programas e na pesquisa duas estratégias principais foram discutidas repetidamente.

1. Esclarecer o que significa decolonização na prática:

“

[O] que queremos dizer com decolonizar? [...] O que estamos decolonizando? É todo o sistema de opressão? [...] [Ou] estamos apenas tentando mudar um pouco aqui e ali para parecer que, ok, [...] somos mais inclusivos [...] [Se] estamos dizendo que queremos tirar toda a supremacia branca de todo o sistema. Certo? É possível?

(Asia, mulher, entrevista 8)

2. Refletir sobre a posicionalidade e estar preparado para abrir mão do poder:

“

Reconhecer o poder é muito importante, permite que você reconheça o seu próprio privilégio e esteja consciente disso.

(AS, GF1, Jamboard)

“

Como você quer distribuir esse poder? [...] seja honesto, [admita] que somos privilegiados [...] essa é a honestidade que realmente precisamos das pessoas [...] que querem apoiar esse movimento.

(Asia, mulher, entrevista 8)

A seguir, resumimos as estratégias identificadas neste estudo para decolonizar o campo do combate à VCMM no financiamento, nos programas e na pesquisa.

Estratégias para o financiamento

1. Alterar estruturas de financiamento, incluindo torná-las mais flexíveis, cobrir o financiamento de base dos atores responsáveis pela implementação, priorizar relações de colaboração ao invés das de subcontratação e utilizar modelos alternativos de financiamento
2. Financiar de forma holística, permitindo que aqueles mais próximos das questões definam as prioridades
3. Reconsiderar os critérios de financiamento e os processos de inscrição, permitindo prazos mais longos, submissões em vários idiomas e fornecendo feedback detalhado a todos os candidatos
4. Reduzir o ônus da prestação de contas para os beneficiários do financiamento
5. Investir na melhoria do relacionamento com os beneficiários do financiamento, inclusive por meio de mecanismos de feedback em grupo

Estratégias para os programas

1. Reconhecer a igualdade dos parceiros implementadores
2. Garantir que atores que vivem nos países e comunidades com os quais se está trabalhando liderem o desenho dos programas
3. Tirar o foco dos números ao definir impactos, incluindo também a qualidade dos programas
4. Garantir programas holísticos que incluam o enfrentamento de fatores estruturais, as questões dos meios de subsistência, das redes de proteção social, da insegurança alimentar e das lacunas educacionais

Estratégias para a pesquisa

1. Garantir que as expectativas e papéis da equipe estejam claramente definidos desde o início
2. Criar oportunidades para investir em relacionamentos entre os parceiros
3. Apoiar organizações ativistas menores por meio de parcerias e mentoria
4. Refletir sobre quem está mais bem posicionado para conduzir as pesquisas, e considerar se a pesquisa é mesmo necessária e quem deve liderá-la
5. Garantir que os pesquisadores principais estejam localizados no Sul Global, sempre que possível
6. Discutir publicações e autoria desde cedo
7. Priorizar o fortalecimento de capacidade bidirecional
8. Utilizar outras formas de conhecer, incluindo conhecimento indígena, ações participativas, o uso de narrativas e pesquisas conversacionais, e valorizar diferentes formas de conhecimento, como métodos qualitativos
9. Garantir que os processos de consentimento informado não sobrecarreguem os participantes, sejam adequados para aqueles que se sentem menos confortáveis com leitura e escrita, e valorizem o tempo dos participantes por meio de incentivos e benefícios
10. Garantir que dados e achados sejam acessíveis por meio da propriedade conjunta dos dados e por meio da publicação dos resultados em idiomas e formatos acessíveis aos participantes (por exemplo, blogs, podcasts, webinars, etc.)

Desafios e considerações práticas

Essas estratégias não são simples de implementar, e muitos participantes destacaram tensões que precisam ser cuidadosamente consideradas. Por exemplo, transferir poder e papéis para atores do Sul Global pode se tornar apenas simbólico ou onerar indivíduos ou organizações que já estão sobrecarregados. Além disso, a coautoria em publicações pode não ser desejada ou útil para alguns atores do Sul Global. A necessidade de questionar que tipo de evidência é valorizada pode significar questionar a expectativa de que os resultados da pesquisa sejam sempre apresentados na forma de artigos acadêmicos. Por fim, desafios práticos e estruturais, como trabalhar em ambientes inseguros ou ter acesso limitado à internet, podem representar barreiras reais para a transferência de poder que precisam ser consideradas.

Conclusão

Esses achados têm implicações importantes para o campo do combate à VCMM. Um ponto de partida fundamental é explicitar como as formas coloniais de pensar e agir moldam o financiamento, os programas e a pesquisa na área e definir o que decolonizar significa na prática dentro de contextos específicos. Esse trabalho deve ser enquadrado como uma responsabilidade coletiva, e não como algo atribuído a atores do Norte ou do Sul. Os participantes enfatizaram que o financiamento e os programas são áreas prioritárias para a reforma. No geral, a decolonização provavelmente não será linear ou rápida, mas sim uma jornada contínua para o campo do combate à VCMM.



Veja [aqui](#) o artigo completo em inglês.

Este resumo foi escrito por Michelle Lokot, Beatriz Kalichman, Marjorie Pichon, Ana Maria Buller e Nambusi Kyegombe. Para mais informações sobre este estudo, entre em contato com Ana Maria Buller (ana.buller@lshtm.ac.uk) e/ou Nambusi Kyegombe (nambusi.kyegombe@lshtm.ac.uk). Esse trabalho foi apoiado pelo Wellspring Philanthropic Fund (financiamento número 16824).